O TEATRO É ARTE E LITERATURA

Peter Brook, de «enfant terrible», passou a mestre do Teatro inglês

ESTÁVAMOS no ano de 1946, durante a representação em Stratford-on-Avon da peça de Shakespeare «Penas de Amor Baldadas». Os críticos e o público repararam, e tomaram nota, que surgira um realizador genial. A comédia era algo seca, incontestàvelmente, mas a doçura pastoral e a nostalgia da peça foram integralmente transmitidas no ambiente Watteauesco, e, sobretudo, no golpe de brilhante imaginação de fazer acompanhar a princesa, por toda a parte, por um triste pierrot, de cara pintada de branco. Peter Brook tinha então 23 anos de idade. A sua experiência teatral anterior limitara-se a quatro realizações semi-amadorescas, e a três outras para o Teatro de Repertório de Birmingham. «As Penas de Amor Baldadas» «Love's Labours Lost), foi seguida dum desastroso «Romeu e Julieta». Peter Brook abandonou Stratford e pouco depois tornara-se director de Produção do Teatro de Covent Garden. Nos anos de 1948 e 1949, apresentou cinco óperas, incluindo a célebre «Salomé», com cenários e guarda-roupa de Salvador Dali, abandonando depois este teatro, após se ter batido furiosamente para revolucionar toda a atitude em relação à ópera. A sua fama para o esplendor crescia cada vez mais, ameaçando arrebatar a Tyrone Guthrie o título de «enfant terrible» do teatro.

Como realizador, Peter Brook teve sempre a tendência para um certo espaço vento e foi a sua vontade para a sensação que lhe conquistou este apodo.

A sua produção de «Os Irmãos Karamazov» em 1946, por exemplo, abriu com um duplo tiro de pistola no palco às escuras. Depois, lentamente, um foco de luz revelava Smerdyakov, segurando duas pistolas, rindo maliciosamente. Um mês depois, a rígida simplicidade de «Huis-Clos», de Sartre, apresentava-nos uma produção comedida, quase perfeita, de Brook. Gradualmente, este comedimento começou a ser mais forte do que o choque-por-artimanha — e foi assim que surgiu o estilo característico de Brook, que passou de «enfant terrible» a mestre. O estilo pictorial de Peter Brook é muito forte (ùltimamente, é ele mesmo quem desenha os seus cenários) e a sua obra assenta sobre uma impressão visual da peça. Na sua melhor forma como no caso das peças «Dark of the Moon», «Venice Preserved», «The Power and the Glory» e «Titus Andronicus», as suas produções são cheias de cor, calor e movimento, aliadas a pormenores meticulosos, de forma a revelar a essência da peça.

Hoje aos 34 anos de idade, Peter Brook encontra-se no topo da profissão de director teatral, com possibilidades de escolher as suas peças, de mobilizar uma constelação de estrelas e astros para o seu elenco e de circular livremente entre Londres, Paris e Nova Iorque.

Esta situação é certamente confortável, mas Peter Brook tem bem a consciência de que um tal conforto o leva rapidamente à complacência e à estagnação. Num bem pensado artigo publicado recentemente na revista «Encore», Peter Brook analisou as pressões de conformismo que todos os artistas sofrem — a maneira como o êxito dá origem a um clima de amizades, preferências do público, reputação e gosto, que torna a experiência, com a sua possibilidade de fracasso humilhante, cada vez mais difícil. Peter Brook combate esta tendência através da diversidade dos seus interesses e das suas iniciativas.

Pondo de lado as suas curtas temporadas em Stratford e Covent Garden e uma iniciativa de nove meses em que apresentou três peças com Paul Scofield, no Teatro Phoenix, Peter Brook sempre tem trabalhado independentemente, muito embora sob a égide da forte direcção de H. M. Tennent. Movendo-se com extraordinário à-vontade do teatro para o cinema e para a televisão, de Shakespeare a Anouilh, de Otway a peças musicadas francesas, e de Tennessee Williams à ópera grandiosa, Brook tem-se conservado sempre atento e sempre procurando melhorar a sua arte, através do contraste. É o primeiro a reconhecer que a sua iniciativa no Covent Garden não teve êxito e que as suas tentativas de reforma foram exageradas, mas insiste em que estas experiências foram valiosas, pois que o ensinaram ràpidamente àquilo que podia ter levado muitos anos a aprender, tivesse ele ficado encalhado com Shakespeare.

Depois do grande sucesso com «Penas de Amor Baldadas», tentou repetir a receita com «Romeu e Julieta», mas o resultado foi um fracasso desastrado de excesso de realização. A sua produção Shakespeariana seguinte, que se verificou três anos depois, após a sua experiência com a ópera, foi «Medida por Medida», justamente aclamada como constituindo a sua primeira obra madura. Desde então, aprendeu a não torcer nenhuma peça para a ajustar à sua receita, mas a procurar captar a essência e fazer ajustar essa essência à sua própria personalidade.

Esta indústria de gafanhoto, porém, significou que cada uma das suas produções constitui uma entidade separada, a ser considerada em si distintamente marcada com o rótulo «Por Peter Brook» mas sem qualquer ligação ou relação com a que a antecedeu, ou com a que se lhe vai seguir.

Contrastemos esta atitude com a obra de Joan Littlewood no Teatro-Oficina de East London, onde, durante cinco anos, (além de outros oito anos na província) conservou regularmente uma companhia, para um público «popular», com peças de Shakespeare e Sean O'Casey, cujas ideias ela iluminou e que iluminaram por sua vez as suas ideias. A sua obra está agora a produzir os seus frutos, no pequeno mas esplêndido grupo de autores agrupados à volta do seu teatro, escrevendo peças sobre as pessoas vulgares, com emocionante vitalidade, humor e compreensão. As produções de Joan Littlewood, assim como os seus autores, além disso, procuram apresentar com perfeição estas peças.

Peter Brook reconhece que a sua insistência em se permanecer vivo, recusando-se a ficar parado, pode conduzir a certos desperdícios do seu talento. Julga, também, que há ainda tempo para encontrar o seu caminho e depois estabelecer-se. Presentemente, Peter Brook acha-se metido numa actividade tipicamente estimuladora, qual seja de fazer um filme, extraído da pesada novela de William Golding, «Lord of Flies», que trata da desintegração moral dum grupo de rapazes, lançados por um naufrágio numa ilha. A seguir, irá a Paris para apresentar a extraordinária peça de Genet, «A Varanda». Depois, talvez... em qualquer tempo futuro, podemos esperar por um teatro de Peter Brook, que dará impulso a um grupo de novos dramaturgos, actores e cenaristas, em benefício dum teatro que infelizmente carece duma tal iniciativa.

TOM MILNE

SUPLEMENTO LITERÁRIO 288

JORNAL DE NOTÍCIAS * 21 — MAIO — 1959

POESIA

NO COMBOIO

A Manuel Dinis Jacinto

Castelo de Montemor.
ao longe!
E eu, qual voluntário
monge,
já perto deste Mar
extraordindrio...

— Adeus, Castelo!

Cá vou, como quem volta e nunca parte!
Cá vou, filho do Povo, aprendiz do cantar
dos meus irmãos do Amor
e do Belo:
— Neruda e Afonso Duarte!
— Adeus! Adeus, Castelo!

JOSÉ FERREIRA MONTE

A VELA DE ORFEU

A paz do vento pousa sobre a mão que guia o leme
A vela de Orfeu está erguida frente ao porto
A impiedade da luz cega os olhos
mas tranquilo o mar verde vibra cores
entre a safira e a esmeralda
O templo de fogo é um topázio
reflectido na água marinha onde as algas se distendem
e o deus-peixe vermelho repousa no fundo
dormindo e despertando quando os astros silenciosos caiem
[no mar
Então Orfeu sibila o canto da vida e da morte
e a poesia nasce sereia para afundar os navegantes da
[Estrela Polar
Âncora no fundo! Sentinela do Sol!
— Deixa-me passar!

HENRIQUE TAVARES

ACERCA DE UM ONTEM CÃO

UMA CARTA...

«Ex.mo sr. dr. Ramos de Almeida:

Costumo ler todas as 5.as feiras o Suplemento Literário que V. Ex.a dirige.

Li o pseudo-poema «Um Ontem Cão», que esse Suplemento publicou em 29 do mês passado. E no último, li a carta, essa carta infeliz que é sempre o refúgio dos sem razão, albergados nos aparatos duma arte ou dum temperamento artístico, que só eles reconhecem, colocando-se por mero comodismo longe das críticas honestas e equilibradas dos «anti-poetas» ou «anti-vidas»!...

Triste sinal dos tempos, senhor doutor!...

Há uma só coisa em que culpo V. Ex.a; ter publicado o referido pseudo-poema. Infelizmente ou felizmente, todos nós conhecemos essas escolas de «ontem cães», não havendo necessidade de voltar a vê-las em locais onde nos habituamos a ver tratados assuntos sempre bem cheios daquela seriedade que esses senhores não compreendem, o que aliás não admira.

Tenho, no entanto, a certeza que V. Ex.a sorriu ao ler a carta com que pensaram o iriam ofender. A coisa não era para menos...

A única coisa que essa juventude precisa, bem a tempo, é que alguém lhe ensine um dia, os princípios da boa educação.

Perdoe V. Ex.a o tempo que o fiz perder.

Creia-me sinceramente admirador
e obrigado.

ANTÓNIO PEDRO PINHO

Viana, 17 - 5 - 59.

— Pode V. Ex.a fazer desta carta o uso que entender.»

...OUTRA CARTA

«Lisboa, 15 - V - 59

Ex.mo senhor dr. Ramos de Almeida — Porto

Ex.mo senhor:

À minha frente o «Jornal de Notícias» de ontem, dia 14 do c.te, em cuja página de letras e artes, vejo (e, devo confessá-lo, sem que o esperasse muito) publicada uma carta que subscrevi, querendo com ela apenas, e **essencialmente**, lamentar o estado da crítica literária desse jornal, e o estado de toda a crítica, em geral. Por via de não sei que propósitos, entendeu V. Ex.a evidenciar o que dessa carta menos importava, e, assim, o que, por outro lado, uma maldosa interpretação comportava.

Não querendo perder demasiado tempo com o assunto, pois considero esta sorte de polémica sem qualquer grandeza, vejo-me, contudo, forçado a um esclarecimento que se deve muito mais ao público leitor do que a V. Ex.a, pois o teor dos comentários com que encimou essa minha carta, dizia bem já da esquiva a este futuro e a esta juventude a que pertenço, como homem **novo**, como poeta, e enfim, como pessoa que não quer outra arquibancada ou cátedra, que não sejam a da Verdade e da Poesia.

Indo aos factos:

1.º) A que «parte» da nossa juventude se quer referir V. Ex.a, quando diz que ela é «uma minoria», «em estado lamentável»? Não me sinto, nunca me senti, nem me sentirei, colocado em **«parte»** alguma, a não ser em **toda-a-parte**, onde exista um esforço de cultura, um propósito de adiantamento e melhoramento dessa cultura, pela via da Arte, da Poesia, do Pensamento. Nunca estive, não estou, nunca estarei, de nenhum **lado** que não seja o lado que procura, apesar do riso fácil e da leviana «crítica», continuar renovando, isto é, **inflexìvelmente estudando**. Se este **lado**, e esta **parte**, forem a tal «felizmente minoria» a que V. Ex.a alude, paciência! É sinal de que o «lado crítico» em que por exemplo, V. Ex.a se coloca, nada têm que temer. Quanto ao que vale em Arte, ou em Poesia, não é V. Ex.a que, em 1959, o vai dizer, definitiva ou sequer transitòriamente. E além do mais, há uma certa **nobreza**, a única legítima, **a do espírito**, que não se deixa cair por não estar a par da renovação contínua e **necessária** a que atrás me referi, o que, outra vez, merece ser lamentado.

2.º) Não se pretendeu ofender ninguém, nem se fez apologia de coisa alguma. Manifestou-se apenas, por termos que, sendo de protesto, não podem ser alinhadinhos e penteados, a falta de nível de uma crítica que nesse jornal se publicou, **sem nome de autor**, a um fascículo de Poesia e Ensaio, PIRÂMIDE, e com vista a um poema de Pedro Oom. Destes dados se pode concluir, com um mínimo de honestidade, que o autor dessa carta, que sou eu, não estava sequer despeitado, pois nem o poema «criticado» era seu, nem ainda o seu nome tinha entrado na colaboração do fascículo «PIRÂMIDE».

E em termos claros: Se V. Ex.a não se encontra em posição, por deficiência de informação ou falta de entendimento, de criticar uma atitude poética que, de certo modo, é já coisa ultrapassada, e, sem dúvida, **a ultrapassar**, como e porquê se detém a examinar um exemplo dessa atitude com o único intuito de **rir**, e, o que é pior, chamar o enfermeiro ou a polícia?

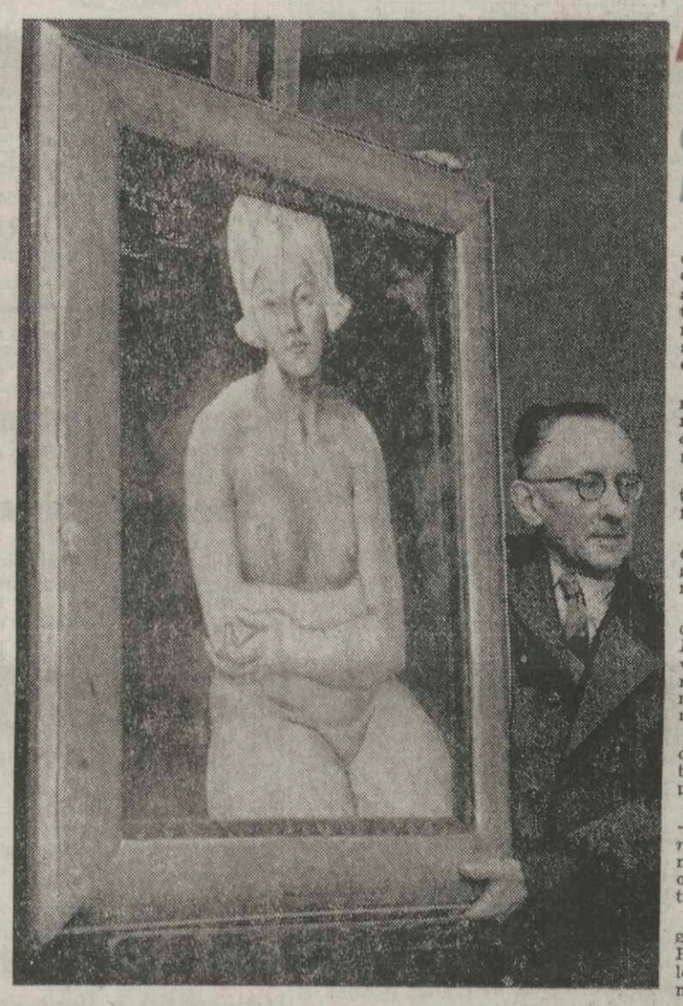
Também não sou eu, livrem-me todos os santos, quem vá dizer, em 1959, o que é Poesia. Ou o que é Crítica. Parece-me apenas deplorável que a única maneira que V. Ex.a, pessoa com certeza de idade e respeito, encontrou para pontificar, tenha sido levar para o campo do «insulto» e da «ofensa», o que apenas era, e sustento ser, manifestação legítima de desagrado por uma opinião emitida. Ofender eu o sr. dr. Ramos de Almeida? Mas eu não conheço o sr. dr. Ramos de Almeida!.

3.º) Se, como suponho ter sido, foi a minha expressão: **«o passado de V. Ex.a»**, a malentendida causa de a minha carta ser tomada como «ofensiva», devo dizer a V. Ex.a que o passado a que me queria referir era o **passado literário**, e, em particular, o de **articulista crítico**. E nem outra coisa poderia ser, visto que, não só não tenho relações pessoais com V. Ex.a, como ainda me inclino a pensar que não deseja V. Ex.a tê-las com a juventude portuguesa, de tal modo a sua visão retardada e «assentada» se insurge e vocifera contra a expressão literária dessa mesma juventude.

Em resumo e espero, em conclusão: Pedindo a publicação desta segunda carta, quero significar um novo protesto: contra a malintencionada e baixamente galhofeira atitude que V. Ex.a toma para comigo, ao comentar, do modo que vim esclarecendo, uma carta da qual retomo a responsabilidade e que teve, da sua parte, o acolhimento que, desde sempre, está reservado a quem não se ilude com os «Carneiros do Panurgo» da cultura, isto é, da anti-cultura. (1)

JOSÉ CARLOS GONZALEZ

(1) **«Os Carneiros do Panurgo»** são uma figuração mitológica, cujo sentido presumo ser do conhecimento de V. Ex.a. Esta chamada destina-se a obviar uma precipitação da sua parte, ao ler-me. — **José C. Gonzalez.»**



PICASSO

O HOMEM DO SÉCULO

Pablo Picasso atingiu a glória enquanto vivo. É, com Charlot, o indiscutível Homem do Século, aquele que vence e ultrapassa todas as circunstâncias, para se manter *imortal* e *eterno*, quando ainda sujeito às limitações da existência humana e social.

Picasso transcendeu-se, tornou-se um símbolo e um mito, mas nunca deixou de ser Homem com os pés bem enterrados na realidade do Tempo.

A sua inquietação é a angústia, o cepticismo, o poder transfigurador da nossa época.

Picasso nunca pára, jamais estaciona ou cristaliza. O seu génio é constante renovação, permanente evolução progressiva.

A tela que reproduzimos marca a fase impressionista de *Picasso*. Foi pintada em 1905 e vendida por uma quantia astronómica, um autêntico «record», numa exposição recentemente realizada em Londres.

«A Bela Holandesa» é o nome da tela; foi a mais admirada entre tantas que figuraram na Exposição.

«O nome de Picasso garantiu-lhe mais o preço do que o seu real valor», disse um crítico dos mais atrevidos e, talvez, acrescentaremos nós, com uma pontinha de despeito.

Seja como for, *Picasso* atingiu a celebridade dos eleitos. Poucos, muito poucos, são aqueles homens que podem gozar semelhante prazer ainda em vida.

Artes Plásticas

ALMADA NEGREIROS E ANGELO DE SOUSA EXPÕEM NA GALERIA DIVULGAÇÃO

Palavras de José Pulido Valente

Organizei esta exposição para mostrar ao público do Porto dois pintores. Um tão perfeitamente integrado no seu tempo que é o seu único representante vivo. Outro, que, no início de sua carreira, me parece em condições de compreender e seguir o exemplo do primeiro. Além disto provoquei duas atitudes que merecem ser meditadas. Duas atitudes igualmente lindas.

A compreensão da situação, a modéstia e o carinho de um e a coragem, o sentido da responsabilidade e a confiança em si do outro. São dois grandes exemplos de dois homens. Quantos, de entre os que vão visitar a exposição, pensam que a um Artista se deve pedir mais, no seu comportamento social, que a outro homem qualquer. Quantos estão dispostos a exigir dos Artistas mais modéstia na convivência e quantos vão deixar de desculpar alguns, jovens ou não, com o pretexto de que são Artistas. Serão mesmo? O artista moderno terá a mesma formação — que desculpava certas atitudes — que os Românticos?

ALMADA NEGREIROS, GRANDE FIGURA DO MODERNISMO PORTUGUÊS, FALANDO ACERCA DE UM DOS SEUS QUADROS

UMA DAS TELAS DE ALMADA NEGREIROS EXPOSTAS NA GALERIA DIVULGAÇÃO

COMENTÁRIOS À MARGEM

Devem os jovens intelectuais, artistas e escritores portugueses ao «Suplemento Literário» do «Jornal de Notícias», um acolhimento que jamais tiveram em outro qualquer orgão da grande Imprensa.

Por ser assim, mais *lamentável* se torna a *carta* de um tal *José Carlos Gonzalez* publicada no último número do mesmo *«Suplemento»* em defesa da *lindíssima* poesia *«Um ontem cão»*, digna de figurar numa antologia da asneira, da cretinice e da petulância.

O sr. *José Carlos Gonzalez* deve ser o próprio poeta, tal o entusiasmo com que se defende, insinua e falsifica.

O *«Suplemento Literário»* limitou-se a transcrever o *lindíssimo poema «Um ontem cão»*. Não fez qualquer crítica, nem aquilo é susceptível de se criticar. Com que direito se vem falar em *caldeirada crítica* onde apenas existiu *bom humor*.

O sr. Gonzalez descobriu *desconchavos oriundos duma matriz a todos os títulos pestilenta, agressiva, anti-humana, anti-Vida*, em algumas palavras de apresentação do poeta e da sua *lindíssima* produção, que chega para envergonhar uma geração inteira. Ficou zangado sobretudo porque teve medo do polícia de giro ou do enfermeiro. Foi apenas uma imagem literária, embora bastante concreta, que irritou o sr. Gonzalez, até porque se ele não é o autor do poema e, pelo menos, o *homem da trouxa* ou o *trouxa que venho defender o homem*.

«Um ontem cão» não representa nada... absolutamente nada, na cultura portuguesa.

Obra de um Dali de pacotilha, só serve para semear a confusão e o descrédito acerca da poesia moderna. Essa fase já passou. Colaboradores circunstanciais das tribunas jovens do «Suplemento Literário» do «Jornal de Notícias», era a nós que nos competia fazer estes comentários.

Não vale a pena gastar mais palavras com *«Um ontem cão»*.

CARLOS ALBERTO, HENRIQUE SANTOS, FERNANDO AUGUSTO, CARLOS MARVÃO, JÚLIO BARREIROS.

NOTÍCIAS DO BRASIL

Tem constituído um grande sucesso artístico e um inexcedível êxito social a Exposição de quadros do grande pintor Candido Portinari (de que há, em Portugal, nos Museus de Arte Contemporânea em Lisboa, no de Soares dos Reis, no Porto e no de Grão Vasco em Viseu, quadros oferecidos pelo dr. Assis Chateaubriand). Críticos e visitantes que têm afluído à Galeria Wildenstein em grande número são unânimes em considerar o artista como um dos maiores do nosso tempo.

Algumas opiniões sobre a obra do pintor:

No **«Herald Tribune»**, em crónica ilustrada com a reprodução da tela **«The Wild Beasts»**, Emily Genauer aponta Portinari como exemplo de que os motivos sociais podem inspirar belas pinturas.

Depois de chamá-lo de «o poeta dos pobres», lamenta que um pintor como Portinari, com sua fama internacional, levasse vinte anos para expôr nos Estados Unidos, depois da exposição feita no Museu de Arte Moderna, em 1940».

Escreve: «Ele encontra seus motivos não em suas próprias frustrações e recalques, mas na história dos pobres e na angústia dos desafortunados. Mesmo à interpretação desses temas melancólicos, traz uma palheta de espantoso brilho e luminosidade, numa composição tão enganadoramente simples quanto ousada.

— ❀ —

O livro de Agripino Grieco sobre Machado de Assis, anunciado há tempos e que foi posto, agora, à venda alvorocou os meios literários brasileiros e agitou o ambiente intelectual. Agripino acusa o grande escritor, cuja obra estuda, nada menos do que de plágio. A tal respeito Luís Santa Cruz escreveu na sua **Gazetilha literária** do **Jornal do Comércio**:

«Os meios literários receberam o livro do ensaísta e antigo crítico literário de «O Jornal» como o impacto surpreendente e, no primeiro momento, fulminante, destinado a abalar, sobremodo, o prestígio e a própria glória do autor da **«Memórias Póstumas de Brás Cubas»**.

Sem dúvida, Agripino Grieco, em seu novo livro, uma das suas obras mais sérias e bem escritas (e na qual não poderia andar ausente o seu delicioso senso de «humour» e nem as suas «boutades» e ironias literárias, das quais até os nossos dias é o mestre sem rival; Agripino Grieco não nega, até certo ponto, o valor da obra machadiana, porém levanta, pela primeira vez em nossas letras, sombras de dúvida bastante espessas sobre a sua originalidade e mesmo autenticidade, o que nem tão cedo se conseguiria, a ser o caso, desfazer.

Os meios literários extra-académicos apontam o livro de Agripino Grieco sobre Machado de Assis à própria Academia Brasileira de Letras, afirmando que a chamada «Casa de Machado de Assis» não poderá silenciar e nem deixar de vir a campo para defender o seu fundador cujo centenário de passamento se celebrara há poucos meses (em Outubro do ano passado), com tanta repercussão em todo o país».

— ❀ —

Gilberto Freyre escreveu directamente em inglês um livro **New World in the Tropics. The culture of Modern Brasil**, edição de Knepf. A **Saturday Review** afirma que do livro foi aproveitada a pesquisa e documentação da **Casa Grande & Sanzala** que vai completar 25 anos.

Slhi